

RELATOS DE UMA PANDEMIA

ENVIE-NOS AS SUAS MEMÓRIAS E TESTEMUNHOS PARA ecomuseu.cdi@cm-seixal.pt



Manuela Rosa, professora de Educação Visual na Escola Básica Dr. António Augusto Louro, na Arrentela, e uma apaixonada pelo desenho e pelos diários gráficos referiu-nos algumas das dificuldades e desafios que sentiu no ensino à distância e o papel que a prática diária do desenho do seu quotidiano teve na sua vida durante esses tempos de quarentena e confinamento.

“Eu faço parte da comunidade de Urban Sketchers de Portugal desde 2009/2010. Os Urban Sketchers são pessoas que gostam de desenhar quase diariamente, têm como objeto o seu diário gráfico e reúnem-se, fazem encontros, convocam, através do seu blogue, encontros mensais. Em todo o país há núcleos, em quase todos os distritos há núcleos de Urban Sketchers em Portugal. Esta é uma comunidade internacional, nasceu nos Estados Unidos, em Seattle, com um espanhol de Barcelona, um jornalista do jornal principal de Seattle e que além de escrever desenha a reportagem. Este grupo é muito dinâmico em Portugal, nós somos o país que tem mais Urban Sketchers por metro quadrado.

E durante o confinamento, qual foi a importância de pertencer a esta comunidade? Foi realmente o sentimento de pertença, é mesmo muito importante e os Urban Sketchers não deixaram os seus membros sozinhos e isolados. Então, através do blogue começaram por propor aos seus membros que dessem uma aula por escrito que ficasse publicada no blogue e a que chamaram de Web Oficina. Era uma proposta de desenhar algo que pudesse ser feito em casa. Eu esqueci-me de dizer que no diário gráfico o desenho não é um desenho de imaginação, é um desenho de observação, portanto desenha-se aquilo que estamos a observar. O Urban Sketcher vai para os locais e desenha no local, já houve um encontro de Urban Sketchers aqui no Moinho de Maré e na Fábrica de Pólvora de Vale Milhaços. Então, durante aquela semana tínhamos aquele desafio para realizar e depois cada um publicava os seus resultados no blogue, o que fazia com que nós estívéssemos sempre na expectativa de ver o que é que as outras pessoas tinham desenhado e como tinham respondido àquele desafio. E realmente este tipo de desafios, por um lado, fez-me gostar mais da minha casa, descobrir na minha casa coisas que eu gostava muito e que se calhar estavam esquecidas, como objetos do património familiar, ou as plantas na

varanda, ou sei lá os meus pensamentos sobre o que estava a acontecer, que também podiam ser desenhados. Enfim, houve muitas propostas. E além de eu fazer as minhas, via a dos outros e isso confortava-me porque sentia que os outros estavam na mesma situação. E conseguiam produzir algo interessante para os outros verem o que partilhavam, não só no blogue mas também nas redes sociais.

O desenho de observação tem esta faceta que me interessa que é para desenharmos o que estamos a ver temos de estar mesmo muito focados, muito concentrados naquilo que vamos desenhar. Eu, por exemplo vejo tudo em termos de linhas, o meu olhar para seguir uma linha, para desenhar uma forma, tem de estar mesmo muito focado e concentrado no que eu estou a ver e no que eu estou a registar ao mesmo tempo. A minha mão comunica com o meu cérebro, com o meu olho, e portanto há aqui um processo mental que exige um nível de concentração grande e quase que chega a um nível de meditação. Portanto, eu sentia-me muito bem quando tinha estes desafios para fazer porque sabia que ia ter aquele tempo para mim, que era um tempo introspetivo, que me fazia pensar nas coisas que eu tinha na minha casa. E que eram já...algumas objetos tão usuais, parecia que já não lhes dava importância, passaram a ter essa importância. Passei a gostar mais da minha casa também, eu e os outros, por causa disso, porque fomos encontrar coisas que já não estávamos a ligar. E, portanto foi uma experiência muito interessante, muito positiva, que continuou depois no segundo confinamento, mais desafios. Eu tive também uma experiência interessante, combinei com uma colega, uma ou duas colegas, uma participava sempre, através de vídeo chamada combinávamos uma hora e desenhávamos juntas, eu na minha casa, ela na dela e dizíamos . “Hoje vou desenhar isto, ou isto, e tu o que vais fazer? Como é que escolhes? Que materiais vais usar?” Ou ela tirava-me a mim uma dúvida. Mesmo com a tecnologia que nos afasta um pouco e nos torna mais individualistas, também foi na realidade uma forma de união e de aproximação nestas duas fases que foram extremamente difíceis.

Eu tentei como professora e nomeadamente como diretora de turma mostrar sempre aos meus alunos que estava positiva, que as coisas iam correr bem, que íamos conseguir. Tentei sempre e isso também me influenciou a mim própria como pessoa, portanto para me manter positiva para eles também acreditei nisso e por isso tentei sempre ajudá-los. No primeiro confinamento foi muito difícil a adaptação às tecnologias, as famílias tiveram um bocado desorientadas, estive às vezes horas ao telefone com os alunos, porque alguns só tinham o telemóvel, não havia mais nenhum equipamento tecnológico e não conseguiam instalar as coisas, não conseguiam fazer e então tentei ajudá-los nesse aspeto. Claro que houve coisas que não correram bem, mas por várias razões, razões às vezes muito pessoais e muito específicas, mas no geral eu acho que as crianças acabaram por começar a dominar as tecnologias. Neste segundo confinamento já os pais não tinham tanto que os ajudar, já estavam mais autónomos, eu própria senti isso. Mais à vontade em enviar os trabalhos, a responder, e muitos à hora certa

estavam ali para a aula, porque ambicionavam muito aquele momento de contacto com o professor, mas também com os colegas e estávamos todos juntos, afastados, mas juntos.

Uma das coisas que eu também queria referir é que eu sou professora de Educação Visual e portanto, muitos deles deixaram os materiais na escola. Em casa tinham pouco acesso aos materiais. A Educação Tecnológica requer materiais, às vezes, ferramentas e coisas assim e então, eu e os meus colegas também partilhámos muito e ajudámo-nos muito uns aos outros, isso também foi muito importante. Tentámos criar situações de aprendizagem com coisas que os alunos tivessem em casa e às vezes as próprias famílias tiveram que participar. Portanto, houve até coisas muito interessantes que realmente deviam ficar registadas, porque os meus colegas, depois quando nos voltámos a reencontrar todos, falaram de situações que foram mesmo muito ricas, em termos de participação da família, dos alunos, e isso foi muito interessante. Uma coisa que me marcou muito foi em setembro, este ano tenho uma turma de 5º ano, e eu nunca lhes tinha visto o rosto, só os olhinhos. E então, quando fomos para confinamento foi muito giro eles verem-me, não estavam à espera desta cara. E eu também imaginava um narizinho mais pequeno, ou os lábios mais grossos, e apareciam-me crianças que pareciam outras. Mas, foi muito bom e agora quando olho para eles sei o que está lá por trás. Foi uma das coisas também... foi uma rasteira do confinamento, uma rasteira da pandemia e ao mesmo tempo depois traz estas memórias, não podemos vê-las como assim tão negativas.

Eu trouxe alguns diários gráficos mas não me lembrei que não podíamos andar com isto de mão em mão. Um dos desafios do ano passado era escolher objetos da casa que fossem possíveis de estar num museu, e eu escolhi as plantas, as pedras que tinha trazido das praias, uma casinha que eu tinha à espera de um pássaro, mas que nunca veio, e portanto criei o museu da varanda do 1º esquerdo, um museu ao ar livre. Este foi um dos desafios dos colegas dos Urban Sketchers. E então, o que é que eu registei no museu? A planta que era da minha mãe, a minha mãe já faleceu e portanto as plantas dela, algumas ficaram para mim, pronto, já podia fazer parte de um museu. As pedras que trouxe das praias, ou da Ilha Terceira, lá da zona vulcânica, enfim... plantas que tinham já uma história, que foram uma oferta, ou porque fui eu que semeei. Achei que aquilo era possível de ser um museu. E outros fizeram coisas fantásticas com os objetos antigos que tinham de família, ou mesmo coisas inesperadas, porque a criatividade conseguiu salvar a situação.”